

Um prego no coração ou ménage à trois: Cesário, o “Espírito” e Silva Pinto

Sílvio Cesar dos Santos Alves
Universidade Estadual de Londrina

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca da homosociabilidade e do homoerotismo masculino oitocentistas a partir do romance *Um prego no coração* (1998), de Paulo José Miranda (1964), de cartas de Cesário Verde (1855-1886) e do prefácio a *O livro de Cesário Verde* (1887), de Silva Pinto (1848-1911).

Palavras-chave: homosociabilidade; homoerotismo; Cesário Verde; Silva Pinto; Paulo José Miranda.

Abstract

The present paper aims to present a reflection on the homosociality and male homoeroticism of the nineteenth century, from the novel *Um prego no coração* (1998) by Paulo José Miranda (1965), letters by Cesário Verde (1855-1886) and foreword of *O livro de Cesário Verde* (1887), by Silva Pinto (1848-1911).

Keywords: homosociality; homoeroticism; Cesário Verde; Silva Pinto; Paulo José Miranda.

Em carta de 6 de outubro de 1864, endereçada a Srta. Leroyer de Chantepie, Gustave Flaubert fazia a seguinte declaração sobre *A educação sentimental*, romance que seria publicado em 1869: “Je veux faire l’histoire morale des hommes de ma génération; «sentimentale» serait plus vrai. C’est un livre d’amour, de passion; mais de passion telle qu’elle peut exister maintenant, c’est-à-dire inactive”¹ (FLAUBERT, 1864, [s. p.] ; tradução nossa). O paradoxo de Flaubert, do amor ou da paixão inativa, que está na base de sua *Educação sentimental*, tem mesmo muito a nos dizer sobre “a história moral dos homens de sua geração; a história sentimental, para ser mais exato”, mas também pode servir para nos ajudar a entender o que se passou nas gerações seguintes. Acredito, no entanto, que, muitas vezes, para compreendermos o passado, precisamos tentar conhecer melhor o nosso próprio presente.

Em “‘Que os erros fiquem pelo desejo’: Paulo José Miranda e a educação sentimental de Cesário Verde”, comunicação apresentada no âmbito do colóquio

¹ “Quero fazer a história moral dos homens de minha geração; «sentimental» seria mais exato. Este é um livro de amor, de paixão; mas de paixão tal como pode haver agora, isto é, inativa” (tradução nossa).

“Cesário Verde – Visões de artista”, realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por ocasião da celebração dos 150 anos do nascimento do poeta, em 2005, Luís Mourão nos apresenta uma instigante reflexão acerca do romance *Um prego no coração* (1998), do supracitado autor. Para início de conversa, esclareçamos que o romance é constituído de uma longa carta (são 69 páginas só de texto) escrita por Tiago da Silva Pereira, de Sintra, em 11 de outubro de 1880, e destinada a Cesário Verde. Numa visada estrutural, Mourão destaca que o romance é sustentado por dois “dispositivos”, um ficcional e outro de verossimilhança. O “dispositivo ficcional”, se beneficiando do “contrato de leitura epistolar”, nos permitiria “jogar com pressupostos vários”, como “conteúdos de cartas anteriores, conhecimento do outro, retomar de conversas antigas”, assim como a “combinação livre de informação”, em suma, uma dimensão que, em se tratando de Cesário e das elipses documentais que cercam a sua breve vida e a sua escassa obra, é terreno fértil. Para atingir os seus fins, esse “dispositivo ficcional” dependeria dos êxitos do “dispositivo de verossimilhança”, enfim, do “quadro de verossimilhança que subjaz toda a obra” e que

permite que a representação da época e da figura de Cesário se possa resumir a um pequeno conjunto de indícios, apenas o suficiente para não deixar dúvidas quanto à ancoragem histórica da narrativa e à sua pretensão de respeitar alguns aspectos da biografia e do perfil psicológico do poeta, tornando assim mais plausíveis os comentários – quer sobre a obra poética de Cesário, quer sobre a cultura de seu tempo –, as digressões e juízos (MOURÃO, 2007, p. 208).

Como bem observa Mourão, apesar de construir o seu “dispositivo de verossimilhança” a partir de “um pequeno conjunto de indícios”, o autor, Paulo José Miranda, “não retira daí qualquer tipo de contrafactualidade, nem pretende corrigir retrospectivamente o andamento da história” (MOURÃO, 2007, p. 208). O tema central da carta é “a reparação do silêncio que rodeou a publicação do poema ‘O Sentimento dum Ocidental’” e, “desde as suas linhas iniciais, o motivo próximo da carta não é outro senão esse: dar a Cesário, e a seu pedido, a crítica por que tanto anseia” (MOURÃO, 2007, p. 209). Trata-se, enfim, de algo que se dá entre escritores, no âmbito de suas amizades. O próprio Cesário, em carta de 19 de junho de 1876, destinada a António de Macedo Papança, o conde Monsaraz, após se esforçar por apresentar ao amigo uma crítica prestável sobre as suas *Crepusculares* (1876), lhe dirá, um tanto esgotado: “Perdoa-me estas prosas infelizes que te dirijo, porque tenho uma ideia de tu me teres

pedido essa coisa” (VERDE, 2003, p. 222). Em outra carta dirigida ao mesmo amigo, de 29 de agosto de 1880, era sobre desapontamentos envolvendo uma obra sua que Cesário escrevia. Aqui, porém, convocamos o texto de Paulo José Miranda, que reproduz o trecho na letra ficcional de Tiago da Silva Pereira e lhe dá importantes desdobramentos:

Estive anteontem com o António de Macedo Papança, ele passou cá por casa e disse-me que também lhe havias escrito. E chegou mesmo a ler uma passagem, espero que nos perdoes, de modo a vincar a injustiça que te cometem: «Uma poesia minha, recente, publicada numa folha bem impressa, limpa, comemorativa de Camões, não obteve um olhar, um sorriso, um desdém, uma observação. Ninguém escreveu, ninguém falou, nem num noticiário, nem numa conversa comigo; ninguém disse bem, ninguém disse mal!»

Mas não te atormentes tanto com o não reconhecimento. Preocupa-te, isso sim, com a tua saúde, para que dures muito a escrever poemas destes. Lembro-te o mesmo conselho que há uns anos deste ao António, e que não há muitos meses ele te retribuiu em minha presença, no *Martinho*: «Primeiro do que tudo está a vida; se te sentes doente ou fraco trata de ti e descansa. Ainda estás muito novo e nada te apressa.» Que esperavas da nossa Lisboa, do nosso Porto, se tu mesmo dedicas essa obra-prima a um poeta muito inferior a ti: *A Guerra Junqueiro*, escreveste. Sim, meu amigo, inferior. Compreendo a tua admiração por Junqueiro, pois vês nele um poeta preocupado com as questões sociais. Mas por debaixo de todo o estardalhaço das suas sátiras não lhe encontro nada. *A morte de D. João* é um poema que em momento algum poderá emparceirar com *O Sentimento dum Ocidental*. Aquele tem tanto de superficial quanto este tem de filosófico. O teu poema é um canto, suave como todos os cantos, doce mas triste; o de Junqueiro é uma farra, uma feira. Tenho mesmo dúvidas se as suas preocupações sociais são autênticas ou mero oportunismo. Mas isso não importa aqui. Escuta, meu amigo, dos poetas de hoje só me importam dois: Antero e tu, Cesário. Os meus dois mundos poéticos, que felizmente não preciso apartar, ao invés da imagem anterior (MIRANDA, 1998, p. 14-15).

Alonguei-me no trecho citado para dar ao leitor uma visão do trabalho de Paulo José Miranda naquilo que Luís Mourão chamou de “dispositivo de verossimilhança”. O autor domina o contexto literário português de 1880, apresentando também uma profunda ciência dos fatos relativos à biografia de Cesário, sobretudo os relacionados ao impacto que o silêncio da crítica, por ocasião da publicação de “O sentimento dum ocidental”, teve sobre o poeta. E há muito mais nesse sentido, ao longo da carta-romance. Segundo Mourão, com isso Miranda funda “o dispositivo ficcional da carta num motivo nobre e verosímil”. Esse autor ressalta, no entanto, a importância de “outras matérias que a carta, enquanto romance, também comporta”, e que, segundo ele, “longe de serem matérias secundárias ou até paralelas, são de fato as matérias principais do romance”:

Porque, repita-se, tudo o que a carta diz relativamente ao silêncio de que se queixa Cesário bem se pode resumir em algumas fórmulas de bom-senso (e também algo contraditórias): eles não te podem compreender, é natural o seu silêncio; eles não te merecem, mas tens que continuar o teu trabalho. Ora, isto que é mais que suficiente para uma carta de amigo, mesmo que longa, é obviamente curto para um romance (MOURÃO, 2007, p. 210).

Mourão aponta aquilo que, para ele, seria uma escolha decisiva nesse sentido: “o autor da carta decide proceder à educação sentimental de Cesário, instruindo-o sobre os malefícios do amor e das mulheres”. Claro está, como bem observa o próprio Mourão, que essa misógina cumplicidade, típica da homossociabilidade oitocentista, tem a função aí de “encenar uma verossimilhança epocal e um interesse de conhecimento para o presente” (MOURÃO, 2007, p. 211). Não se pode confundir, no entanto, essa educação sentimental com “uma leitura crítica em segundo grau da poesia de Cesário”, ainda que, nessa “conversa entre dois homens”, o autor da carta também se dirija ao poeta, “a partir de uma revisão crítica” de sua poesia estruturada por “dois lances fundamentais”. O primeiro desses lances, segundo Mourão, seria “do âmbito da linhagem”, e é demonstrado pelo pesquisador com o seguinte trecho da carta-romance, que estendemos, para melhor compreensão da questão:

Leste, porventura, o já célebre artigo de Antero na *Revolução de Setembro*, acerca da poesia contemporânea: «A poesia deixa de duvidar e de cismar, para afirmar e combater; mostra-nos o interesse profundo e o valor ideal dos factos de cada dia; dá às acções, que parecem triviais, da vida ordinária, um carácter e significados universais.» Mas isto que ele proclama, não o fez, nem ele nem ninguém na nossa língua, senão tu, Cesário. Antero, por mais que se tenha esforçado, nunca abandonou poeticamente o romantismo. E sabes porquê? Porque ele sempre esteve acima dos românticos. Antero é Antero. Provavelmente o maior poeta da nossa língua, depois de Camões. E agora tu surges como sendo a grande visão de Antero. Aquilo que Antero previu em 71, leva-lo tu a cabo em 80. Foram precisos quase dez anos para que se materializasse a visão do grande poeta Antero e, contudo, agora já ele não consegue ver (MIRANDA, 1998, p. 22).

O artigo a que Tiago se refere é o “Tendências novas da poesia contemporânea”, publicado “a propósito das Radiações da Noite do sr. Guilherme d’Azevedo”. Num texto meu recente, intitulado “Cesário, discípulo do Cenáculo?”, dei maiores desenvolvimentos a essa questão da “linhagem”, ampliando a ascendência de Cesário não apenas à original visão poética de Antero, nunca por ele realizada, mas a tudo o que envolveu o “Cenáculo” e nele se engendrou, como o surgimento de Fradique

e das “Conferências” de 1871, propondo, ainda, que o texto referido por Tiago da Silva Pereira pode muito bem ter sido “uma tentativa de Antero no sentido de apresentar a sua contribuição, no âmbito da poesia, à face artístico-literária das ‘Conferências’” (ALVES, 2018, p. 314). Também é preciso dizer que Mourão em parte se equivoca ao afirmar que a estratégia de Paulo José Miranda “é um lance engenhoso e original”. Engenhoso, sim, pois é mais uma peça do complexo “dispositivo de verossimilhança” construído por aquele autor, mas, quanto à originalidade do trecho, ela somente pode ser atribuída em função de uma “não especialização em Cesário”, como reconhece o próprio Mourão (MOURÃO, 2007, p. 212). Seis anos antes da publicação do romance de Paulo José Miranda e treze anos antes da comunicação de Luís Mourão, já Carlos Reis, no artigo “Antero e a consciência da poesia”, publicado no número 123-124 da *Colóquio/Letras*, em 1992, havia reconhecido que Antero não teria conseguido resolver “as dificuldades que, no plano da *práxis* artística, [a sua] proposta encerra” (REIS, 1992, p. 90), pois, segundo ele, a “poesia inspirada no real, ‘poesia racional, positiva e social’ proposta por Antero em *Tendências novas da poesia contemporânea* não é (de certa forma não podia ser) a poesia do Antero-poeta”. Reis argumenta, no entanto, que tal proposta “foi enunciada com suficiente clareza para encontrar eco e realização em poetas que ele prenunciou [...] sobretudo no Cesário de «Num Bairro Moderno» e d’«O Sentimento dum Ocidental»” (REIS, 1992, p. 91).

Na leitura que Mourão faz do romance de Miranda, o primeiro lance, engenhoso sim, mas não original, parece estar a serviço do segundo: “uma leitura, também ela algo original, de um dos versos fundamentais de Cesário” (MOURÃO, 2007, p. 212). Retomemos o trecho, novamente estendido em relação ao fragmento que nos apresenta o próprio Mourão, para uma melhor compreensão:

«Nas nossas ruas», escreves. Não escreves que são sombras, o Tejo, a maresia as causas de tamanha soturnidade, de demasiada melancolia. É na nossa alma contemporânea que ao anoitecer há tudo isso, de tal modo que para onde quer que se olhe nos olhamos, para onde quer que se olhe só há esta alma: a melancolia, a soturnidade que verso após verso, Cesário, tu nos mostras. E como não há-de tal alma despertar em nós um desejo absurdo de sofrer? Gostava de atentar prolongadamente neste verso magnífico: «Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.» *Despertam-me* diz-me: cair em si. O poeta cai em sua alma, assim como todo o homem que siga o seu verso. E *desejo absurdo de sofrer* é a vida. Assim, aquilo que a soturnidade e a melancolia lhe despertam é a vida numa alma em final de século (MIRANDA, 1998, p. 12).

O “segundo lance”, portanto, seria esta “leitura metafísica”, já de parentesco confirmado com “a metafísica anterior”, mas “sem as personagens dramático-dialéticas que havia lá dentro”, o que, segundo Mourão, levaria aquela “linhagem até o fim de século onde está Cesário” e a outros desdobramentos que não me interessa aqui abordar. O mais importante é que essa “leitura metafísica” “se estende ainda um pouco mais ao longo da carta” (MOURÃO, 2007, p. 213), e nela Cesário desponta como aquele para quem “o único terror é o não sentido das coisas, o não sentido da vida” (MIRANDA, 1998, p. 22). É a “lucidez deveras insuportável” dessa leitura que, segundo Mourão, daria sentido à educação sentimental procedida pelo autor da carta. O seu objetivo, com os conselhos da missiva, seria o de “evitar recuos”: “É que o desejo, conduzindo a poesia e conduzindo até esta consciência do mundo enquanto ‘desejo absurdo de sofrer’, pode também desejar o contrário disso: a felicidade, isto é, o amor, isto é, uma mulher.” Em suma, a ideia subjacente aí é a de que “a poesia se perderá sempre para uma ilusão, para algo que não compete nunca com ela no mesmo plano de importância” (MOURÃO, 2007, p. 213). Em suma da suma, Tiago da Silva Pereira se esforça por dizer ao amigo Cesário que “a felicidade é uma ilusão, o amor é uma ilusão, a mulher é uma perda de tempo” (MOURÃO, 2007, p. 214). Para isso, apresenta como exemplo a sua própria experiência nesse campo, o que faço questão de retomar, demoradamente:

Marie apaixonou-se por mim e eu por ela. Aquilo que é comum entre as demais pessoas, ligarem-se a uma outra, seja por solidão ou necessidade de estabilidade emocional ou apenas desejo de satisfação sexual, cedo vislumbrei que em nós não existia sequer resquício disso. (A minha dependência emocional só veio depois.) Estávamos apaixonados pela impossibilidade de amor que carregávamos em nossos corações. À parte isso, ela prometia-me todo o amor do mundo e a convicção de que havia de me ver partir, não de Viena mas do seu coração. Pelo contrário, não foram precisos muitos meses para que ela se desapaixonasse por completo daquele que, segundo ela, era o amor da sua vida. Compreendo perfeitamente que estejas a perguntar pelo que se terá passado, para que tal sucedesse em tão pouco tempo. Teria em tão pouca conta a sua vida ou conhecer-se-ia tão pouco? Não se trata de nada disso, meu bom amigo! As pessoas exigem muito pouco do espírito, mesmo quando se julgam demasiado grandes. [...] O amor dela por mim era o amor dela por si, sentia o espírito lisonjeado pela atenção e pelo amor que o meu lhe dedicava. No fundo, as mulheres não gostam dos homens, utilizam-se deles para gostarem de si mesmas. Disse-me, a culpa de ter deixado de te amar é tua. E, Cesário, sabes o que quer isto dizer na boca de uma mulher? Que não deixei suficientemente de ser eu mesmo diante dela. A mulher não deseja o amor de um homem, mas devorar-lhe o ser. Não lhes basta que tenhamos espírito, querem comandá-lo. E para isso é necessário que não vejamos outra coisa senão o seu próprio interesse, aquilo que as faz felizes. Porque

não as faz felizes sermos nós mesmos, assumirmos o nosso espírito diante delas, se é que se trata aqui de felicidade. Não há nada que destroce mais o coração de uma mulher do que ser constantemente confrontada com a sua contínua necessidade de diversão que não encontra eco no coração deste. Porque alguém de espírito reconhece que não há diversão, mas somente capacidade de sentir prazer. E a diversão, como muito bem sabes, não é prazer mas o esquecimento dele. Todo o prazer na mulher é diversão, por isso não consegue senti-lo inteiramente o espírito. E o pior é quando suspeita disso, como era o caso de Marie. O mais elevado espírito na mulher é somente uma suspeita, Cesário, ela entrevê aquilo que talvez no fundo deseje, mas não o consegue senão por breves momentos (MIRANDA, 1998, p. 32).

A demora na transcrição do trecho supracitado é para facilitar a inserção do leitor nos meandros do que, para Luís Mourão, é o ponto central da carta. Não é o meu objetivo, aqui, manter as premissas do “arqueológico falocrático”, que nos é apresentado intacto, sem refrações, no romance de Paulo José Miranda, sobretudo nesta frase, que Luís Mourão considera “estranha”: “uma mulher é só um pedaço de carne com alma, onde tendemos a albergar o nosso espírito” (MIRANDA, 1998, p. 44). O estranhamento de Mourão parece ainda mais exacerbado quando ele leva em conta, a partir do que diz o próprio autor da carta, que “Marie não é uma mulher qualquer, bem pelo contrário. [...] Marie de Saint-Loup era uma das raras mulheres na Universidade (não em Lisboa, o que seria um escândalo para homens e mulheres, mas em Viena), e todos os seus interesses altamente intelectuais” (MOURÃO, 2007, p. 216), como podemos constatar na página 38 do romance, apesar de toda a longa dissertação que o autor da carta já havia feito sobre a falta de “espírito” das mulheres:

Não via Marie de Saint-Loup há mais de quinze dias, escrevia um trabalho acerca da intencionalidade da consciência na apreciação estética de um verso, quando recebi um bilhete seu a pedir que me encontrasse com ela. Disse-me, está tudo terminado mas gostaria muito que nos pudéssemos continuar a encontrar. Não conseguira sustentar uma relação com alguém tão misantropo; alguém que preferia estar a sós com ela do que ir a Paris escutar Sarah Bernhardt. Não obstante, gostaria muito de poder continuar a privar com o meu espírito, manteríamos correspondência e talvez nos encontrássemos, de longe em longe, para longas conversas em torno da intencionalidade da consciência nas três classes fundamentais dos fenómenos psíquicos, segundo o professor Brentano, a representação, o juízo e o sentimento. Meu querido amigo, não desejes nunca escutar tais palavras de uma amada; nestes momentos, antes o ódio do que a moral (MIRANDA, 1998, p. 38-39).

Se, em coerência com outros passos da carta, entendermos “que o espírito quer dizer intelectualidade, isto é, capacidade de fazer poesia, ou pelo menos de a ler” (MOURÃO, 2007, p. 217), não será por acaso que Luís Mourão entenderá certas

estratégias retórico-discursivas de Tiago como “precisamente aquilo que denuncia o trabalho do ressentimento”. Como já afirmamos, o eixo norteador da carta é justamente a tese ressentida de que “a capacidade criativa outorgada pelo espírito: a capacidade poética, ou o seu correlato não-poético, a capacidade de ler”, seria “incompatível com qualquer outro tipo de intimidade”, exigindo, portanto, “uma masculinidade solitária”, diametralmente oposta aos “labirintos do desejo” e atenta à “necessidade de os evitar em ordem a manter operativa a criação artística” (MOURÃO, 2007, p. 218). Enfim, todo o roteiro da misógina homosociabilidade masculina oitocentista, sintetizado nesta passagem:

Esquece o amor, esquece as mulheres, concentra-te no teu trabalho, nos teus poemas. Aquilo a que o comum dos homens chama amor, não passa de um contrato de medo firmado com o outro, por intermédio da solidão. E a solidão no poeta leva-o para muito mais longe do que um outro, leva-o para a realidade, a mais pertinente das evidências (MIRANDA, 1998, p. 19).

Em certo passo de seu artigo, Mourão constata: “não vislumbro no romance que coisa, humana ou não, poderia aceitavelmente desviar da poesia ou sequer co-habitar com ela: o caráter distintivo da poesia, e por extensão do poeta, nunca é posto em causa” (MOURÃO, 2007, p. 213). Talvez haja uma resposta plausível que possa satisfazer bem a carência que o crítico demonstra delas, no supracitado trecho. Talvez, essa resposta tenha a ver com esta pergunta indireta feita pelo próprio Mourão: “Postas as coisas assim, chega a ser intrigante o porquê de o autor da carta se preocupar tanto com esta acção pedagógica” (MOURÃO, 2007, p. 215). Postas as coisas assim, arriscamos: a coisa humana que poderia coabitar com a poesia somente poderia ser um outro poeta ou leitor de poesia. E se assim é, a pertinaz preocupação do autor da carta com a ação pedagógica nela em curso não pode ser outra senão a de qualificar a si próprio como o terceiro membro do ménage “espiritual” formado por ele, leitor de poesia, a própria poesia e o poeta. Enfim, o que se afirma ao longo de toda a carta não é necessariamente a impossibilidade do amor, mas a impossibilidade do amor e do respeito de um homem de exceção, um poeta ou leitor de poesia, por uma mulher, mesmo que esta também seja uma mulher de exceção, simplesmente por ser julgada, independentemente das circunstâncias, “um pedaço de carne”, “com alma” – o tempo “progredia”, já se vê –, mas sem “espírito”.

Talvez eu tenha avançado muito no último parágrafo. Mas, agora que tenho a meu favor toda essa “ancoragem”, após ter construído o meu próprio “dispositivo de verossimilhança”, talvez eu possa levantar “um pequeno conjunto de indícios”, “pressupostos vários”, a partir dos “conteúdos de cartas anteriores”, iluminando, assim, certos “aspectos da biografia e do perfil psicológico do poeta e tornando mais plausíveis não apenas os comentários” que farei sobre Cesário e “sobre a cultura de seu tempo”, mas, também, sobre o “dispositivo ficcional” que constitui a carta de Tiago da Silva Pereira, enfim, o romance de Paulo José Miranda, *Um prego no coração*.

A carta de Tiago e ele próprio são matéria ficcional, trabalho árduo e brilhante de Paulo José Miranda. A crer nas cartas do próprio Cesário, o poeta teria vivido segundo os preceitos “espirituais” recomendados pelo autor daquela carta ficcional. Mais exatamente, tudo indica que o texto de Paulo José Miranda é que tenha sido escrito em coerência com o que se sabe a respeito da vida de Cesário, por meio de suas escassas cartas e de pouco mais. Se Cesário pode ser o próprio Tiago, um Tiago poeta e não apenas leitor de poesia, é bom lembrar que o seu amigo Silva Pinto, leitor de poesia, é o único destinatário de suas cartas ao qual Cesário se apresentava como sujeito de exceção, portador de um “espírito” de eleição, poeta, leitor invulgar, amigo e cúmplice na solidão, no “espírito” e mais... É o próprio Silva Pinto quem nos afirma isso, no prefácio ao *Livro de Cesário Verde*, que ele editou no ano posterior à morte do amigo: “Durante anos escreveu-me centenas de páginas – comentários sobre os meus infortúnios, conselhos do seu espírito lucidíssimo, sobressaltos do seu coração fraternal” (VERDE, 2004, p. 136). Por aí já se vê que não houve apenas constância na presença do “espírito” de Cesário junto a Silva Pinto, sobretudo por meio das “centenas” de missivas que lhe mandava, das quais somente umas poucas restaram. Essa presença representava “proteção”:

A proteção foi a maior da grande alma serena para a pobre alma abatida: foi de lágrimas que se confundiam com as minhas lágrimas; foi aquele sorriso triste de resignação, consagrado às minhas amarguras, – que para o Cesário não foram misteriosas; foi o aperto de mão robusto, na vertigem do combate; foi a voz firme e severa na hora dos desfalecimentos; foi o *reflexo* permanente que a minha angústia encontrou na sua (VERDE, 2004, p. 141; grifos do autor).

Por outro lado, ao retomar, nas cartas que escrevia a Silva Pinto e a mais um ou dois amigos especiais, conversas de cartas recebidas, Cesário nos revela que Silva Pinto

poderia ser visto ele próprio como uma espécie de “Tiago”, alguém que também procedia à sua educação sentimental. Veja-se, como um primeiro exemplo, esta carta, cuja data não se conhece:

Como hoje é domingo, só tarde recebi a tua bondosa carta e não posso dizer-te como desejo, a expansão que ela me produziu.

És uma alma extraordinária; eu sou indigno de ti; acredita-o. Valho tanto como os demais.

Não te iludas comigo.

Os conselhos dedicados que me dás, e que eu recebo com o maior reconhecimento, são a verdade. E é isso que eu já pensava, mas julgo que não me fiz compreender bem. A poesia que eu hoje te mando é a minha última maneira. Vês por ela que eu não desprezo de modo algum o coração, que quando desprezado não deixa brotar *nenhuma* obra de arte.

Mas o que eu desejo é aliar ao lirismo a ideia de justiça.

Eu não sei a quem te referes quando me falas dos *pérfidos*.

Eu aqui não me dou senão com dois ou três rapazes do comércio, bem amigos.

O que eu hoje recebi de ti justificou-me, sem necessidade e mais uma vez, a grande lealdade da tua alma diferente de todas que tenho observado. És um tigre amoroso.

Perdoa-me; eu nem sei o que digo.

Mas aqui ninguém me quer mal, também é verdade. O Junqueiro, de quem tanta gente diz mal, é um dos homens que me trata com mais especial deferência, até quando fala de mim aos rapazes. Ele tem fama de desfrutador e apesar disso julgo-o sincero comigo, chegando a dispensar-me cavacos duma grande intimidade que ele confessa raríssima para os outros. Os versos que te mando sugeriram-lhe umas frases que, se eu não fosse desconfiado, encher-me-iam duma fatuidade intolerável.

A mais ninguém escuto e sigo com plena confiança como a ti: affianço-te.

Os outros entretêm-me no cavaco, têm bons ditos, conversam bem e fazem-me sorrir.

Que, com verdade, não tenho razão de queixa de nenhum, e, às vezes, cismo na razão por que todo o mundo me trata bem. Ninguém me deve obséquios, ninguém me quer enganar e muitos me procuram e me penhoram de pequenas delicadezas que eu não sei pagar, muitas vezes, com igualdade.

Isto superficialmente; que amigos íntimos, íntimos, só tenho um: – és tu.

Sinto remorsos e uma grande impossibilidade de retribuir a um coração tão singular como o teu.

Eu sou frio, pausado, calculista como todas as organizações criadas neste meio comercial. E tu não. És ardente, imaginoso, excessivo, e isso leva a imensas decepções e a imensos desgostos.

Não te fies em mim, que sou igual a todo o mundo – sendo tu, na vida prática, a única amizade real e verdadeira que se me tem dedicado.

Beijo-te reconhecido.

Teu

Cesário Verde (VERDE, 2003, p. 214-215; grifos do autor).

Logo no início desta bela e tensa carta, Cesário remete a conselhos que teria recebido do amigo, conselhos estes provavelmente de ordem sentimental. Silva Pinto, ao que tudo indica, estaria incomodado com a amizade de Cesário com esses tais

“pérfidos”. O poeta, então, faz-se de desentendido e apresenta-lhe o relatório de seus recentes vínculos afetivos, esforçando-se para justificar a aproximação com Guerra Junqueiro, de quem afirma receber “especial deferência”, a quem exalta a sinceridade, a lealdade, gabando-se de gozar de sua “intimidade” (VERDE, 2003, p. 214). Mas, é somente a Silva Pinto que Cesário assegura a sua fidelidade. Os outros apenas o entretêm... A intimidade, intimidade mesmo está reservada apenas ao distante amigo. Após essa prova de, no mínimo, amor “espiritual”, Cesário assume, resignadamente, as possíveis culpas que talvez possuísse e os “remorsos” que diz sentir, mas, “malandramente”,² não hesitará em dissertar sobre a pertinência lógica do par, valendo-se do que a esse respeito costuma dizer o senso comum: “Eu sou frio, pausado, calculista como todas as organizações criadas neste meio comercial. E tu não. És ardente, imaginoso, excessivo.” Essa constatação tem a ver com a definição que ele já havia feito ao amigo em trecho anterior da carta: “És um tigre amoroso” – do que virá, ao menos retoricamente, a se arrepender: “Perdoa-me; eu nem sei o que digo.” E a carta não poderia terminar sem um conselho do educador sentimental que retoma a sua posição de mais gosto: “Não te fies em mim, que sou igual a todo o mundo”, quase como que alertando ao amigo de que, no seu caso, também “aquele 1% é vagabundo”.³ Essa confissão, aliás, já surge logo no início da carta, quando escreve: “És uma alma extraordinária; eu sou indigno de ti; acredita-o. Valho tanto como os demais. Não te iludas comigo” (VERDE, 2003, p. 214). Após os dramas dessa novela mexicana, Cesário, na despedida, não poderia fazer outra coisa senão buscar a retomada do contato, a aproximação fluida e estreita dos afetos em crise: “Beijo-te reconhecido” (VERDE, 2003, p. 215). Em carta de 1879, o poeta não deixava por menos e também colocava o amigo contra a parede:

Eu estou que essa cidade húmida, de que tu só conheces as noitadas, te pode subtrair insensivelmente o azedo e o ríspido que te caracterizam tanto. Deves naturalmente analisar os estados de espírito por que tens passado aí e os que sentiste fora daí, e se a prova for contra o Porto, nesse caso foge a todo vapor (VERDE, 2003, p. 213).

Faz mesmo todo o sentido preocupar-se com as humidades do Porto, sobretudo se isso estivesse vinculado às noitadas. Cesário não gostava que ao amigo fosse

² Título de canção composta por Dennis DJ, MA Nandinho e MC Nego Bam (2016).

³ Verso da canção “Aquele 1%”, de Vinícius Poeta e Benício Neto (2015).

subtraído “o azedo e o ríspido” que tanto o caracterizavam. Chegava mesmo a exigir que o amigo sondasse os próprios “estados de espírito”, buscando talvez pequenos sinais de que estivesse ficando de boas com o mundo e a carne, não sendo demais pensar no diabo – um diabo como aquele d’*O mandarim*, em todo o caso –, os três inimigos da alma. Ou não seriam inimigos do “espírito”? Em todo o caso, Silva Pinto deveria fugir de lá “a todo vapor”, tão logo se sentisse tentado a sorrir. O próprio Silva Pinto confirma essa inclinação que os dois tinham para serem carrancudos: “Não fomos risonhos – o Cesário e eu. As nossas horas de convivência foram tristes e severas” (VERDE, 2003, p. 139). É justamente essa tristeza e essa severidade que Cesário cobra ao amigo, numa carta de 1875: “Pois um homem que vive em pleno idílio tem tanto fogo e tanta vida para as coisas exteriores do seu mundo. Eu, no teu caso, tinha um completo indiferentismo por tudo aquilo que não fosse do meu ninho de amor” (VERDE, 2003, p. 207). Fugir do Porto “a todo vapor”, talvez com destino ao “ninho de amor”, onde é possível viver sem culpas “em pleno idílio”, como um verdadeiro “tigre amoroso”. Ilusão?

Tudo leva a crer, no entanto, que era Silva Pinto o mais ciumento dos amigos, o mais desconfiado. Para se defender de mais uma de suas investidas, de mais uma de suas recaídas em teorias de conspiração, Cesário argumentava, em uma carta de 1875:

Nunca mais penses que eu te possa dizer senão lealdades de amigo; e se tu conhecesses a indiferença com que eu vejo as ações dos outros não o terias pensado. Tanto me importa a mim que eles pratiquem duma maneira ou doutra, bem ou mal. A ti digo-te o muito que me inspiras (VERDE, 2003, p. 204).

Essas crises se estendem, pois Silva Pinto parece ser daqueles que guardavam mágoas por muito tempo. São frequentes, portanto, nas cartas que Cesário a ele dirige, súplicas como esta: “Conversa comigo, sê sempre o mesmo, como eu o sou também” (VERDE, 2003, p. 206). E, na ausência de respostas do amigo, tentativas de aproximação, baseadas na revelação de sua empatia: “Eu sinto os teus desgostos deveras como se fossem os meus, ou mais. Se eu pudesse remediá-los!” (VERDE, 2003, p. 206).

A educação sentimental aí em jogo, portanto, se caracterizava como uma via de mão dupla, onde as funções de educado e de educador podiam se inverter a qualquer momento. Essa dinâmica bilateral é imposta pela própria natureza da educação sentimental, que acredito estar ligada à visão apresentada por José Carlos Barcellos, em

sua obra *Literatura e homoerotismo em questão*, “homossociabilidade masculina como relação de poder que se constrói a partir da exclusão e interdição do homoerotismo e da sujeição das mulheres” (BARCELLOS, 2006, p. 198).⁴ A via é de mão dupla porque, nesse jogo com o poder, ninguém quer ficar por baixo ou para trás, figuradamente, é claro. O jogo, no entanto, não poderia ser um livro aberto, pois também exigia “exclusão e interdição do homoerotismo”. Cesário tinha motivos, portanto, para dizer ao amigo, em tom que oscila entre o decoro e a galhofa, como quem conhecia bem as regras desse jogo e, somente por isso, trapaceava: “O alto das cartas escrevo-o sempre depois da carta feita. Faço-as na loja e pode alguém ver ao passar o tratamento que nos damos. Sabes tu que se riria – o Comércio?!” (VERDE, 2003, p. 205).

Por outro lado, já o vimos desde a carta de Tiago da Silva Pereira, esse era um jogo que também exigia a “sujeição das mulheres”. O símile com o feminino, sempre sujeito às regras desse jogo de homens, não tem outro sentido senão o de dizer quem é que manda, ou mesmo de legitimar o domínio, dando ao homoerotismo um disfarce heteroerótico: “Tem-me por vezes contado a história das suas dores e aberto a sua alma como se fosse uma mulher” (VERDE, 2003, p. 226) – escrevia Cesário ao amigo António de Macedo Papança, o conde de Monsaraz, referindo-se a Silva Pinto. Não deixa de ser curioso que, para o mesmo amigo, Cesário também venha a se mostrar em uma imagem diametralmente oposta, ou seja, aquela da masculinidade hegemônica, ideal. Veja-se a esse respeito este trecho de carta escrita em 1880: “Ia a carácter, a minha jaleca, a minha calça de bombazina azul, o meu chapéu de marchante, o meu pau de chapa, os meus sapatões ferrados e o meu revólver entalado na cinta de três voltas” (VERDE, 2003, p. 226). Em carta de 1879, escrita ao amigo Bettencourt Rodrigues, Cesário já havia conseguido um resultado parecido: “Eu gostaria imenso de fazer uma viagem pelo *plateau* da serra da Estrela até os Pireneus, com uma caçadeira, uma espingarda de dois canos, e um óculo de campanha e um companheiro” (VERDE, 2003, p. 234). Esse companheiro poderia ser mesmo o amigo Silva Pinto, se este não andasse tão ausente, “incomodado” e “de mau amor” (VERDE, 2003, p. 204) com as “provações” por que teve de passar “em resultado da luta que [queria] sustentar com a sociedade burguesa” (VERDE, 2003, p. 206).

⁴ Barcellos recorre ao conceito cunhado por Eve Kosofsky Sedgwick (1985).

Em suas lutas *Pela vida afora*, sabe-se que Silva Pinto veio dar a este nosso Brasil varonil até. Em carta desse mesmo ano, após dar-lhe conta da leitura do relato dessa aventura, que também sai em 1879, no Porto, com o título de *No Brasil. Notas de viagens*, Cesário projetará no amigo uma imagem afim ao ideal de masculinidade que orienta a sua aspiração aventureira e viril na carta escrita a Bettencourt Rodrigues e que possui importantes pontos de contato com o tipo de fascinação – muito bem notado por José Carlos Barcellos,⁵ – exercido por Fradique no narrador das “memórias e notas”. Veja-se o trecho da carta:

Fez-te bem a viagem? Outro meio grandioso, o do oceano, e se tu esfarrapasses sempre o teu espírito, convulso e plácido ao mesmo tempo, em pedaços tão luminosos como aqueles (mas em todo o livro!), eu sentiria ainda uma maior atracção planetária e irresistível para ti, meu amigo! (VERDE, 2003, p. 214).

Não nos esqueçamos: em *Um prego no coração*, Paulo José Miranda nos dá a conhecer algumas estratégias verossímeis de “sujeição das mulheres” no âmbito da homosociabilidade masculina oitocentista, a partir de uma carta ficcional destinada a Cesário Verde. Essa sujeição passa por considerá-las como desprovidas de “espírito”, ou seja, como inaptas para a poesia e para a leitura de poesia, ainda que façam e leiam poesia. Somente os homens seriam portadores desse “espírito”, e se isso, por um lado, os tornava cúmplices e lhes garantia a perpetuação de seu poder sobre o feminino, por outro os deixava interditos para o homoerotismo, tendo em vista que a vida, nesses termos, exigia-lhes a solidão e a indiferença em relação a tudo o que estivesse relacionado ao amor paixão, às necessidades da matéria, ainda que, em princípio, essa restrição seja direcionada à mulher. Veja-se, a esse respeito, este trecho de uma carta sem data, enviada por Cesário a Silva Pinto:

⁵ “Eça de Queirós recebe abertamente esse ideal de masculinidade. Pode-se dizer que há em sua obra, não obstante a ironia que a perpassa, uma verdadeira fascinação pelo masculino, inclusive em relação à beleza física, num perfeito testemunho da mencionada imbricação entre corpo e espírito. É o que se vê, por exemplo, no retrato do protagonista feito pelo narrador, àquela altura ingênuo e embasbacado, de *A correspondência de Fradique Mendes*: ‘O que me seduziu logo foi a sua esplêndida solidez, a sã e viril proporção dos membros rijos, o aspecto calmo de poderosa estabilidade com que parecia assentar na vida, tão livremente e tão firmemente como sobre aquele chão de ladrilhos onde pousavam os seus largos sapatos de verniz resplandecendo sob polainas de linho. [...] Não sei se as mulheres o considerariam belo. Eu achei-o um varão magnífico –dominando sobretudo por uma graça clara que saía de toda a sua força máscula. Era o seu viço que deslumbrava.’

O aspecto físico do homem manifesta, pois, uma série de atributos morais que se reputa estarem ligados à masculinidade, tais como segurança, liberdade, tranquilidade, dinamismo e ordem, atributos estes cujas incidências sociais e políticas seria ocioso sublinhar” (BARCELLOS, 2006, p. 179-180).

Não tenhas nunca suposições desfavoráveis à amizade do teu amigo e supõe-me sempre justo e bom. Se às vezes o desgosto da vida, das mulheres, dos amigos, deste estado de coisas, me retrai numa grande concentração de ideias, num isolamento reservado e silencioso, isso é sempre favorável à estima que temos pelos nossos caracteres: isso obriga-me a ser mais teu amigo (VERDE, 2003, p. 216).

O sábio mestre José Carlos Barcellos chama a atenção para as “estratégias e ambiguidades da homosociabilidade masculina e de suas conexões possíveis com o homoerotismo” (BARCELLOS, 2006, p. 196). Segundo ele, “o recurso ao conceito de homosociabilidade masculina é particularmente rentável, na medida em que ajuda a superar as numerosas aporias a que a (falsa) dicotomia entre as noções de amizade e de homossexualidade leva na análise de textos literários” (BARCELLOS, 2006, p. 195-196). Tudo isso tem a ver com

[...] a extensa rede de práticas sociais intragenéricas, através das quais se mantêm e se regulam os laços de solidariedade e colaboração, por um lado, ou de rivalidade e competição, por outro, entre aqueles indivíduos que se identificam como pertencentes ao mesmo gênero (BARCELLOS, 2006, p. 22-23).

Ao lermos as cartas de Cesário e Silva Pinto, faz todo o sentido falar-se nessa “rede de práticas sociais intragenéricas”, na manutenção e na regulação desses “laços de solidariedade e colaboração”, ou mesmo “de rivalidade e competição”, em algumas situações. E ao lermos o paratexto de Silva Pinto para *O livro de Cesário Verde*, não ocorre nada de diferente: “Ele não teve, desde aquele dia há treze anos – melhor amigo do que eu fui” (VERDE, 2004, p. 135), afirma Silva Pinto sobre a amizade com Cesário desde o primeiro encontro, no “Curso Superior de Letras”. Essa longa amizade, a qual Silva Pinto chamava de “minha doce amizade religiosa” (VERDE, 2004, p. 139) – o que também pode ser lido como “espiritual” –, e as afinidades nela encontradas estreitaram esses laços de solidariedade e colaboração, como vimos e como não se tem notícia em relação a nenhum outro amigo de Cesário. É Silva Pinto quem lhe publica o livro negado pelo campo literário e o entrega à posteridade onde o encontramos. Silva Pinto o conhecia como ninguém. É o que ele mesmo afirma neste trecho: “É indispensável ter conhecido intimamente Cesário Verde, para conhecê-lo um pouco. Os que apenas lhe ouviram a frase rápida, imperiosa, dogmática, mal podem imaginar o fundo de

tolerância *expectante* daquele belo e poderoso espírito” (VERDE, 2004, p. 136; grifo do autor).

Tiago da Silva Pereira aconselha Cesário a não perder tempo com as mulheres, “pedaços de carne com alma”, e a se dedicar às coisas do “espírito”. De certa forma, esse Tiago não deixa de ser um espectro do próprio Cesário, pois sua existência ficcional é construída a partir do que se sabe acerca do poeta. Como Cesário, a sua dedicação com a educação sentimental do amigo é algo de natureza quase religiosa, “espiritual”. Silva Pinto também se espantara com os cuidados de Cesário para com ele: “Um dia, trócamos estas palavras: – «Como tu tens tempo, meu amigo, para sofrer tanto!» – «Como tu tens tempo, meu amigo, para me acompanhar no sofrimento!»” (VERDE, 2004, p. 136). Um mês após a morte de Cesário, Silva Pinto vai ao cemitério, visitá-lo. Não há mais nada a fazer:

E numa dessas tardes, alguns dias depois da sua morte, eu aproximei da porta de ferro a minha pobre cabeça esbraseada e olhei para dentro do jazigo, involuntariamente; e então, como quer que eu visse lá adentro do jazigo alguns caixões arrumados, e como eu acertasse em descobrir o caixão do Cesário, os soluços despedaçaram-se contra a minha garganta, numa aflição imensa e cruel. E foi então que a voz rouca e enfraquecida do Cesário – lembram-se da voz dele? – pronunciou distintamente lá adentro do caixão: – «Sê natural, meu amigo; sê natural!»
Era a voz do Cesário; era a sua voz tremente e doce, ó meu sagrado horror inconsciente! Debrucei-me contra a porta do túmulo e supliquei numa angústia: – «Fala! Dize! Fala, outra vez, meu amigo!» Não se reproduziu o doloroso encanto. Apenas uma espécie de marulho brando, um arrastar de folhagens ressequidas – e o morto na paz da Morte! (VERDE, 2004, p. 140).

Para Silva Pinto, o mais doloroso, nesse momento, não é o silêncio de Cesário, mas o reconhecimento, a consciência da impotência do “espírito”, a constatação de que aquela educação sentimental, via de mão dupla, não passou de uma desculpa para que entre os dois fossem criados “os laços de solidariedade e colaboração” que os uniu em “espírito” (ou nem isso), mas os separou em matéria. Para mais nada serviam aqueles laços naquele momento: “Depois da morte de Cesário, eu deixei de viver nos domínios onde ele sentira consolações, alentos, esperanças, onde ele imaginara renascimentos, horizontes, claridades novas” (VERDE, 2004, p. 139). O amigo, sozinho, não encontra mais o rumo, sentia o “desprezo da vida”, e, pior, os motivos que o levaram a se separar de Cesário por cerca de dez anos de nada valeram ao “espírito”:

Hoje, o meu santo amigo está ali em baixo, na sua morada nova, esperando... Espera que eu vá dizer-lhe os horizontes novos abertos à consciência dos justos; espera que eu vá dizer-lhe as vitórias da Justiça absoluta – da justiça iluminada e serena; – espera que eu vá dizer-lhe as vitórias do Trabalho, da Razão, da Ciência, da Sinceridade, do Amor: os homens reconciliados, esclarecidos, a Natureza convertida em Progresso, Deus explicado, o Futuro iluminado, a Vida possível, a Mulher fortalecida, o Homem abrandado, as lutas suprimidas, o concerto da Terra desentranhando-se em harmonias reconhecidas, a Bondade convertida em norma, os Direitos e os Deveres suprimidos pela Igualdade: dos seus sonhos, a sua fé, o seu horizonte, o seu amor! Está ali embaixo, esperando... Eu, mensageiro triste, não saberei dizer-lhe o ascender dos espíritos, e só poderei levar-lhe no meu abatimento a demonstração da minha pouca fé, agravada pela espantosa amargura destes últimos dias, – destas últimas horas (VERDE, 2004, p. 142).

Silva Pinto sentia o “desprezo da vida” por não enxergar mais nela a possibilidade do “ascender dos espíritos”. Essa aspiração pelo “ascender dos espíritos” só fazia sentido enquanto experimentada a três, num tipo de amor possível somente em *ménage à trois*. Na verdade, talvez esse amor espiritual a três, ou seja, um amor no qual entre dois sujeitos desejantes, nomeadamente dois homens, se interpõe um terceiro incluso abstrato, o “espírito” (o ideal), tenha servido apenas como desculpa para muitas outras coisas. Para não assumir um desejo homosocial? Para não reconhecer a igualdade, a superioridade feminina? Para não reconhecer o caráter vão da existência, a ausência de redenção para o homem, o fim da transcendência? Para não reconhecer a finitude da vida? Tudo isso vem à tona nas reflexões de Silva Pinto, no Cemitério dos Prazeres, e parece ter muito a nos dizer sobre a educação sentimental a que procedem tanto Tiago da Silva Pereira quanto Cesário Verde e Silva Pinto, ou seja, educação sentimental entendida aqui nos termos de Flaubert, como a história de um amor que só pode existir em sua forma inativa, ou, mais precisamente, como a história dos impasses que orbitaram em torno da homosociabilidade masculina oitocentista, “enquanto estrutura a serviço da dominação patriarcal” (BARCELLOS, 2006, p. 23), e do homoerotismo, “em suas dinâmicas de contiguidade e diferença com outras formas de relações masculinas” (BARCELLOS, 2006, p. 24).

Referências

- ALVES, Sílvio Cesar dos Santos. Cesário, discípulo do Cenáculo? In: _____; SANTOS, Vitor Cei; FORTE, Sarah. *Ética, estética e filosofia da literatura*. Rio de Janeiro: Abralic, 2018, p. 312-337. (Série E-books).
- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

FLAUBERT, Gustave. À Marie-Sophie Leroyer de Chantepie, 6 Oct. 1864. Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/jet/public/correspondance/trans.php?corpus=correspondance&id=10829&mot=&action=M>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

MIRANDA, Paulo José. *Um prego no coração*. Lisboa: Cotovia, 1998.

MOURÃO, Luis. “Que os erros fiquem pelos desejos”: Paulo José Miranda e a educação sentimental de Cesário. In: BUESCU, Helena Carvalhão; MORÃO, Paula (Orgs.). *Cesário Verde: visões de artista*. Porto: Campo das Letras, 2007. p. 207-220.

REIS, Carlos. Antero e a consciência da poesia, *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 123-124, jan. 1992, p. 83-92.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between Men: English literature and male homosocial desire*. Nova York: Columbia University Press, 1985.

VERDE, Cesário. *Obras completas de Cesário Verde*. Lisboa: Livros Horizontes, 2003.

_____. *O livro de Cesário Verde (1873-1886)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

Minicurrículo

Sílvio Cesar dos Santos Alves possui pós-doutorado em Letras (2017), doutorado em Literatura Comparada (2013) e mestrado em Literatura Portuguesa (2008) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); e licenciatura plena em Letras — Português/Literatura (2003), pela Universidade Iguazu (Unig). É professor adjunto de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual de Londrina (UEL).